

PIB do agronegócio cresce 4% até setembro

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, estimado pela Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, apresentou crescimento de 0,56% em setembro, acumulando alta de 4% de janeiro a setembro de 2016 (Figura 1). Entre os setores, o agrícola cresceu 0,62% no mês e segue em alta no acumulado do ano (4,97%). O ramo pecuário apresentou crescimento

de 0,44% no mês, com alta acumulada em 1,92% no período.

Quanto aos segmentos do ramo agrícola, todos apresentaram crescimento em setembro. A produção primária registrou maior elevação (0,80%), seguido por serviços (0,73%), indústria (0,55%) e insumos (0,02%). No acumulado de janeiro a setembro, o movimento também foi de alta para todos os segmentos, com elevação de 8,52% no primário, de 5,18%

em serviços, de 2,97% indústria e de 2,91% insumos.

Na pecuária também houve crescimento em todos os segmentos no mês: insumos (0,78%), primário (0,50%), indústria (0,20%) e serviços (0,28%). No acumulado do ano, o crescimento é de 3,88% para insumos, 2,11% para primário, 0,67% para indústria e de 1,13% para serviços.

PIB do Agronegócio acumulado no ano: 4,00%

Insumos
3,32%

Básico
5,60%

Indústria
2,66%

Serviços
3,90%

Figura 1 – Taxa de crescimento do PIB do agronegócio: janeiro a setembro/2016 em relação a janeiro a setembro/2015
Fonte: Cepea/USP e CNA.

No setor de insumos, rações continuam sustentando alta

O segmento de insumos agropecuários apresentou alta de 0,34% em setembro, acumulando crescimento de 3,32% de janeiro a setembro de 2016 (Figura 1).

Entre as indústrias de insumos acompanhadas pelo Cepea, fertilizantes e adubos acumularam queda de 13,63%, motivada pela expectativa de redução na produção anual (-0,90%) e preços reais (-12,84%), na média de janeiro a setembro de 2016 frente ao mesmo período do ano anterior (Figura 3).

Para a indústria de rações, o aumento no faturamento anual (14,09%) é decorrente do aumento estimado na produção, de 3,20%, e da elevação dos preços reais, de 10,55% no período. Segundo o Sindicato, o aumento de preços foi motivado, principalmente, pelo forte aumento dos preços do milho e do farelo de soja no período.

Já para a indústria de combustíveis e lubrificantes, há estimativa de variação negativa do faturamento anual, em 16,90%, considerando-se os dados disponíveis até setembro de 2016. A pressão vem dos menores preços registrados (-9,58%) e da projeção de queda na

produção anual, de 8,10% (Figura 3). A queda no desempenho reflete a recessão enfrentada pela economia brasileira, uma vez que as vendas dos combustíveis no País (gasolina, etanol e diesel) têm se reduzido, mesmo com preços também em baixa.

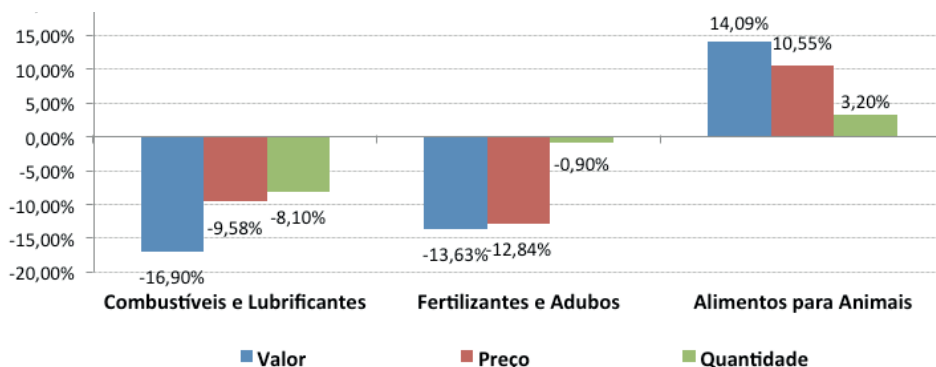


Figura 2 – Insumos: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a setembro/2016 em relação a janeiro a setembro/2015) | Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, ANDA e Sindicatos).

Segmento primário: preços em alta mantém o crescimento

O segmento primário do agronegócio cresceu 0,67% em setembro, acumulando alta de 5,60% de janeiro a setembro de 2016 (Figura 1). Entre os ramos, o segmento primário da agricultura acumulou alta de 8,52% no período. Este resultado foi impulsionado pela alta real de 18,32% nos preços médios agrícolas, enquanto a expectativa de produção anual é de recuo de 4,85%, na média das atividades agrícolas acompanhadas pelo Cepea para a evolução do PIB.

O comportamento das culturas acompanhadas – com base nas estimativas anuais de safra e na relação entre os preços de janeiro a setembro de 2016 com relação ao mesmo período de 2015 – é apresentado na Figura 3. Com base nas informações publicadas até o fechamento deste relatório, as lavouras que apresentaram expectativa de crescimento no faturamento anual são banana (41,20%), batata (26,06%), café (13,26%), cana-de-açúcar (13,02%), feijão (10,93%), laranja (34,30%), mandioca (98,67%), milho (25,69%), soja (6,76%) e trigo (28,71%).

Para o café, a elevação anual do faturamento é decorrente da maior produção esperada para o ano (14,81%), tendo em vista a queda de 1,35% nos preços observados entre janeiro a setembro de 2016 na comparação com o mesmo período de 2015. O aumento da produção cafeeira em 2016, segundo a Conab, deve-se ao aumento de área e de produtividade para as lavouras do arábica (variedade que representa 83,2% da produção total de café) nos principais estados produtores (São Paulo e Minas Gerais). A Conab destaca a agregação de áreas que estavam em formação e a renovação decorrente de podas. Já a elevação de produtividade é decorrente do clima favorável e do ciclo de bialidade positiva na maioria dos estados para a produção do café arábica. Cabe destacar que a produção brasileira de café robusta registra significativa queda, devido à seca em importantes estados produtores da variedade, como Espírito Santo, Rondônia e Bahia.

No caso da cana-de-açúcar, o aumento no faturamento anual deve-se ao aumento de preços observado no período (9,85%) e da projeção anual de produção (2,88%). De acordo com dados da Conab, apesar da leve redução da produtividade verifica-

da em 2016, o aumento da área plantada garantiu maior produção. O aumento de área produtiva é resultado da cana bisada da safra anterior e do crescimento de área própria verificado em algumas unidades produtivas. Já a redução na produtividade é considerada normal, já que, na safra anterior, o rendimento foi recorde na região Centro-Sul, conforme a Conab.

Para a laranja, o aumento nos preços reais (40,98%) sustentou o bom resultado esperado para o faturamento anual da cultura, dado que, em volume, espera-se redução de 4,74% para o ano. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, o aumento dos preços do produto é reflexo da oferta limitada no estado de São Paulo, da forte absorção de laranja pelas indústrias paulistas e dos volumes já comprometidos em contratos.

Com relação à soja, a expectativa de aumento no faturamento ocorre via maiores preços (7,65%), visto que se espera redução anual de produção (-0,82%). De acordo com a equipe Grãos/Cepea, apesar da alta acumulada no período, os preços caíram pelo terceiro mês consecutivo em setembro. A pressão veio da expectativa de aumento da oferta do produto na safra 2016/2017, devido ao clima favorável às lavouras norte-americanas e ao aumento na área plantada das principais regiões da América do Sul, o que gera expectativa de produção mundial recorde.

Quanto ao milho, o forte aumento nos preços reais (59,87%), de janeiro a setembro de 2016, comparado ao mesmo período de 2015, mantém a expectativa de faturamento anual positiva, dado que a produção nacional deverá recuar 21,38% em 2016. Segundo a Conab, a estimativa de produção em queda é decorrência da menor produtividade nas lavouras (-22%, em média). Já os preços seguem altos, sustentados pela oferta restrita. Segundo a equipe Grãos/Cepea, apesar do aumento acumulado, em setembro os preços caíram com relação a agosto, devido ao recuo de compradores no mercado spot.

No caso da mandioca, o faturamento foi impulsionado pela forte elevação de preços em 2016 frente ao mesmo período do ano anterior (91,42%). Segundo pesquisadores da equipe Mandioca/Cepea, esse cenário está atrelado à forte redução da

oferta. Tal fato pode ser explicado pelos baixos preços e pela menor rentabilidade na safra 2014/2015, que resultaram em diminuição da área plantada na atual safra. Além disso, a produtividade do setor foi prejudicada pela podridão radicular em algumas lavouras.

Os produtos com projeção de queda no faturamento anual, considerando-se informações disponíveis até o fechamento deste relatório, são: algodão (6,43%), arroz (4,06%), cacau (9,36%), cebola (12,14%), fumo (22,84%), tomate (41,65%) e uva (27,52%) – Figura 4.

Com o algodão, a expectativa de redução no faturamento anual está atrelada à queda na produção (-17,54%) prevista para o ano, embora os preços reais tenham aumentado 13,47% na comparação entre períodos. De acordo com a Conab, a produção foi pressionada pela menor produtividade, instabilidade climática e pela menor área semeada.

Para o arroz, a redução no faturamento anual está relacionada à queda da produção, estimada em 14,80%, uma vez que o aumento dos preços reais foi de 12,60% no período de janeiro a setembro de 2016 em comparação ao mesmo período de 2015. De acordo com a Conab, o excesso de chuvas interrompeu a semeadura do arroz no Rio Grande do Sul, afetando a produção e a produtividade nessa importante região produtora.

Em relação ao tomate, a queda no faturamento anual foi pressionada, especialmente, pela retração dos preços reais (-32,34%), na comparação entre períodos, e pela expectativa de redução na produção (-13,76%). De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea, a produção foi afetada por chuvas e geadas ao longo do ano, principalmente em São Paulo e no Paraná. A queda nos preços reflete o aumento da oferta do produto, por conta da antecipação da colheita em importantes regiões produtoras, e dos preços elevados no ano anterior.

Na Figura 3, são apresentadas as variações de volume estimadas para o ano, de preços reais (na comparação de janeiro a setembro de 2016 em relação ao mesmo período de 2015) e de faturamento real das atividades primárias da agricultura.

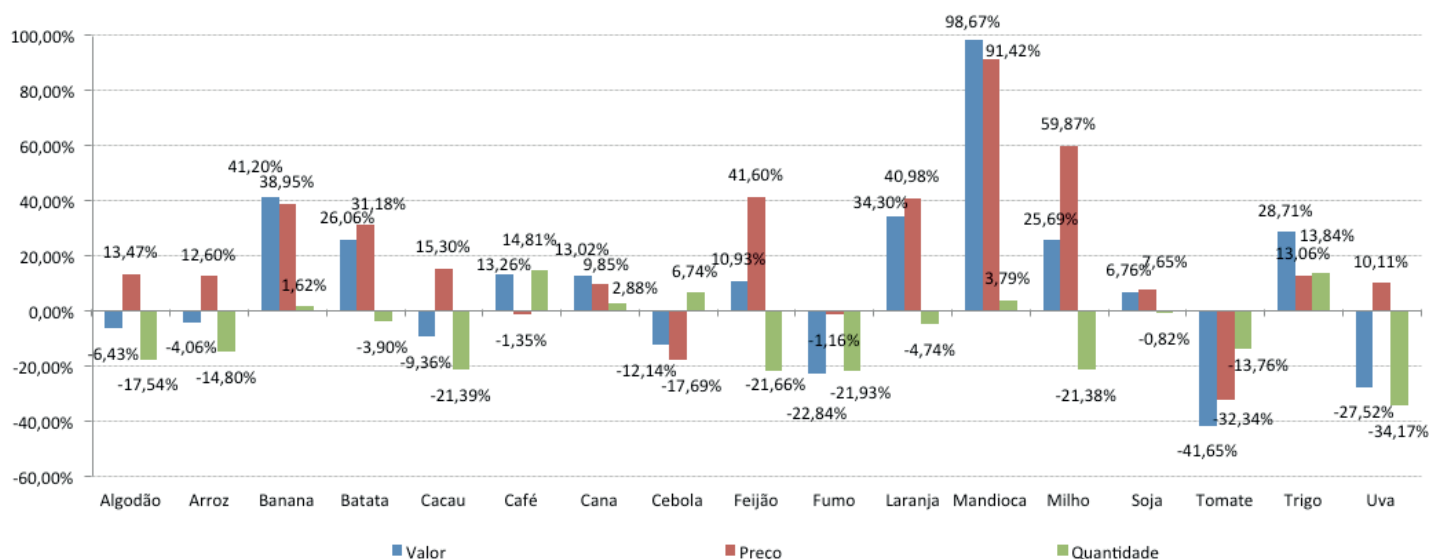


Figura 3 – Agricultura: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a setembro/2016 em comparação a janeiro a setembro/2015)

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

Itens	Algo-dão	Arroz	Bana-na	Bata-ta	Cacau	Café	Cana	Cebo-la	Feijão	Fumo	La-ranja	Man-dioca	Milho	Soja	Toma-te	Trigo	Uva
Valor	-6,43	-4,06	41,20	26,06	-9,36	13,26	13,02	-12,14	10,93	-22,84	34,30	98,67	25,69	6,76	-41,65	28,71	-27,52
Preço	13,47	12,60	38,95	31,18	15,30	-1,35	9,85	-17,69	41,60	-1,16	40,98	91,42	59,87	7,65	-32,34	13,06	10,11
Quantidade	-17,54	-14,80	1,62	-3,90	-21,39	14,81	2,88	6,74	-21,66	-21,93	-4,74	3,79	-21,38	-0,82	-13,76	13,84	-34,17

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

No segmento primário da pecuária, o aumento foi de 0,50% em setembro, acumulando elevação de 2,11% em 2016. Os resultados devem-se aos maiores preços médios reais das atividades, já que se espera uma produção anual média menor em relação ao ano anterior. Para o preço médio ponderado, estima-se elevação de 3,21% no ano, e, para a produção, queda de 0,23%.

Para a bovinocultura de corte, a queda esperada no faturamento anual reflete a redução nos preços reais (-4,44%), no acumulado de janeiro a setembro de 2016 em comparação com mesmo período de 2015, e da menor quantidade produzida, estimada em -2,37%. Segundo a equipe Boi/Cepea, após a queda em agosto, os preços voltaram a subir em setembro, impulsionados pela baixa oferta de animais prontos para o abate.

Na avicultura de corte, a variação positiva no faturamento anual deve-se à elevação de preços reais (3,05%) e ao aumento na expectativa anual de produção (4,29%). Para a avicultura de postura, o comportamento foi similar e tanto preços quanto a produção registraram aumento no período analisado. Os preços elevaram-se 18,70% e a quantidade produzida, 6,05%. Segundo a equipe Ovos/Cepea, o aumento dos preços é resultado da elevação nos custos de produção e da maior demanda pelas famílias, que

procuraram substituir a proteína animal pelo ovo.

Com relação à suinocultura, o aumento da produção prevista para o ano (8,57%) sustentou o faturamento positivo, visto que os preços recuaram 7,51% na comparação dos nove primeiros meses do ano com mesmo período em 2015. Para os preços, segundo a equipe Suínos/Cepea, embora setembro seja um período de alta, dado o início da formação de estoque por parte dos frigoríficos para as vendas de final de ano, em 2016, a demanda interna segue fraca, impedindo aumento dos preços, mesmo com baixa oferta de animais.

Na atividade leiteira, a alta dos preços (18,81%) sustentou o faturamento do setor, uma vez que a produção recuou 6,35% na estimativa anual. De acordo com a equipe Leite/Cepea, após atingir recorde em agosto, os preços caíram em setembro, ainda que no acumulado se mantenha a alta em termos reais. A pressão no mês veio do aumento da captação de leite, impulsionada pela intensificação das chuvas e pela recuperação das pastagens, e do enfraquecimento da demanda interna.

A Figura 4 mostra as variações dos preços reais, dos volumes produzidos e do faturamento das atividades pecuárias em 2016, no comparativo com 2015.

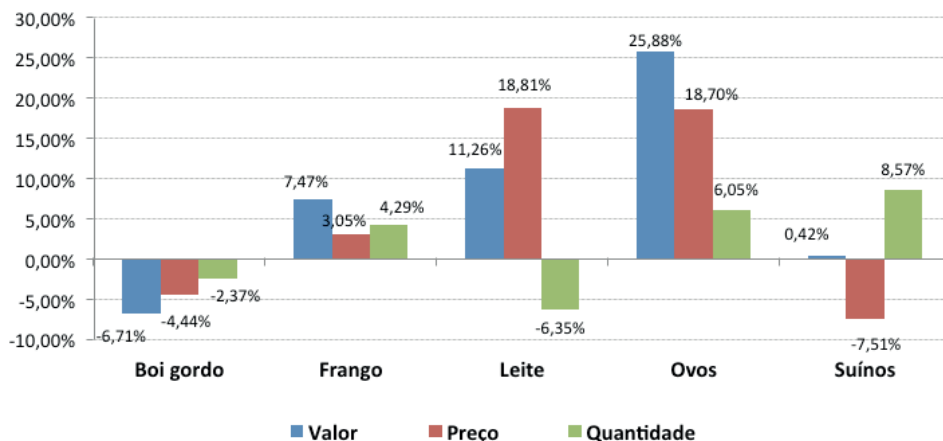


Figura 4 – Pecuária: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a setembro/2016 em comparação a janeiro a setembro/2015)

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do Cepea e do IBGE).

Segmento industrial: processamento vegetal e animal mantém alta

A agroindústria nacional apresentou crescimento de 0,51% em setembro, acumulando alta de 2,66% de janeiro a setembro de 2016 (Figura 1). Esse cenário é resultado de variações positivas tanto nas atividades de processamento vegetal (0,55%) quanto animal (0,20%) no mês. A tendência se manteve para o acumulado, e ambos os ramos apresentam crescimento no segmento, de 2,97% e 0,67%, na mesma ordem.

Na indústria de base agrícola, assim como observado para o segmento primário deste ramo, o resultado positivo da indústria agrícola decorre da alta de preços – elevação real média de 7,25% –, tendo em vista a redução de 2,89% na produção média.

No acumulado de janeiro a setembro de 2016, as indústrias que apresentaram aumento no faturamento foram: celulose e papel (1,49%), elementos químicos (etanol) (4,41%), café (2,45%), beneficiamento de produtos vegetais (2,02%), açúcar (38,03%), óleos vegetais (6,44%) e outros alimentos (4,78%) – Tabela 2.

Para a agroindústria de celulose e papel, as altas dos preços (0,83%) e da produção (1,13%) sustentaram a elevação do faturamento anual. Apesar da alta registrada no comparativo do acumulado de janeiro a setembro de 2016 frente ao mesmo período de 2015, os preços reduziram ao longo dos meses. De acordo com a equipe de Economia Florestal/Cepea, ao longo do período ocorreu valorização do Real frente ao dólar e recuo dos preços da celulose no mercado interno, o que vêm impactando a renda desta indústria.

No mercado de etanol, espera-se redução de 8,51% na produção anual. Segundo a Conab, a queda na oferta de etanol deve-se ao fato de uma maior parcela da moagem de cana-de-açúcar ter sido destinada à produção de açúcar. Neste contexto, os preços registraram crescimento real de 15,77% na comparação entre janeiro a setembro de 2016 com relação ao mesmo período de 2015. Segundo a equipe Etanol/Cepea, os preços em setembro tiveram novas altas, impulsionados pela

menor oferta do produto.

Na indústria açucareira, o faturamento anual mais elevado deve-se ao aumento dos preços reais (28,78%) e à expectativa de aumento de produção, de 19,33% para o ano. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, a atratividade dos preços internacionais do açúcar tem impulsionado a produção e os valores domésticos do produto.

Para as demais indústrias de base agrícola, houve retração acumulada no período: madeira e mobiliário (-11,18%), têxtil (-7,32%) e vestuário (-10,56%) – Ver Tabela 2. O desempenho negativo nessas indústrias relaciona-se, em geral, a quedas estimadas para a produção, decorrentes principalmente da diminuição da demanda interna, devido à crise econômica do País.

Na Figura 5, são apresentadas as variações de volume, preços reais e de faturamento das principais agroindústrias de janeiro a setembro de 2016, frente ao mesmo período do ano anterior.

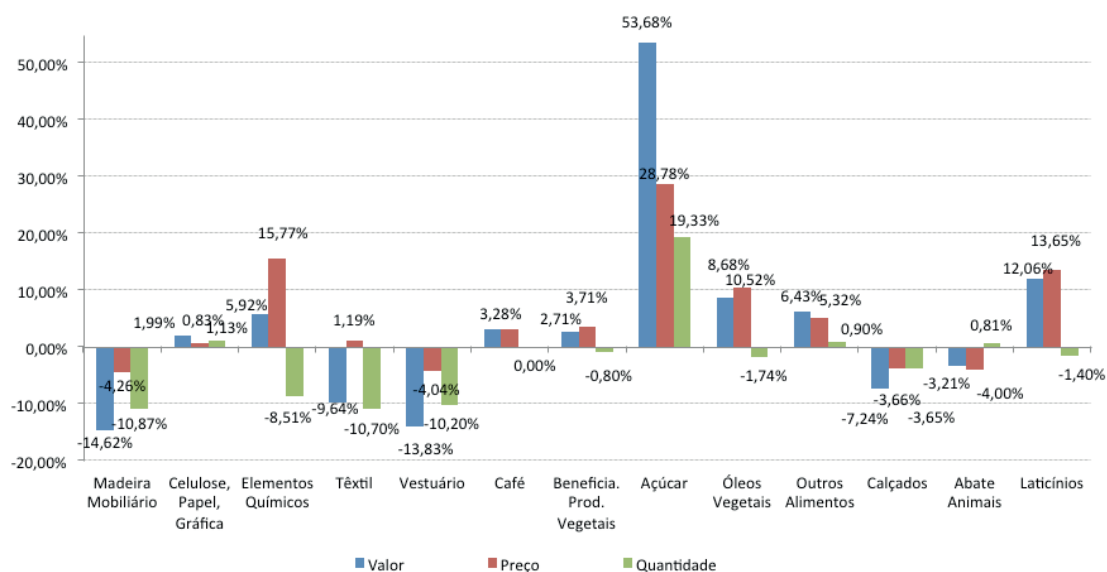


Figura 5 – Agroindústrias: variação anual do volume, preços e faturamento (janeiro a setembro/2016 em relação a janeiro a setembro/2015)
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Cepea).

No caso do segmento industrial da pecuária, apenas a indústria de laticínios registrou crescimento no período (8,92%). Já as indústrias de abate de animais e de calçados apresentaram retrações de 2,41% e de 5,48%, respectivamente – Ver Tabela 2.

Para a indústria de laticínios, a produção esperada para o ano registrou queda de 1,40%, enquanto os preços tiveram crescimento real de 13,65% na comparação entre janeiro a setembro de 2016 com

mesmo período de 2015, sendo responsável por manter variação positiva no faturamento anual do setor (Figura 5). De acordo com a equipe Leite/Cepea, as cotações dos derivados vêm seguindo o movimento de alta do preço do leite pago ao produtor.

Na indústria do abate, a variação negativa no faturamento anual é resultado da queda de preços (-4,00%) na comparação entre janeiro a setembro de 2016 e o mesmo período de 2015. Quanto à produção,

espera-se crescimento de 0,81% para o ano. Com um cenário econômico de recessão vivenciado pelo Brasil, consumidores têm buscado alternativas no consumo de proteína (ovos e frango), o que tem contribuído para a queda nas vendas do setor.

Segundo a equipe Boi/Cepea, a taxa cambial (em alto patamar, ainda que tenha se desvalorizado na comparação com 2015) tem tornado a carne brasileira competitiva, favorecendo os embarques ao exterior.

As exportações têm ajudado a escoar a produção, em um cenário de depressão interna. De janeiro a setembro, os embarques de carne bovina brasileira acumularam 831,12 mil toneladas, quase 8,1% acima do volume exportado no mesmo

período de 2015, segundo dados da Secex.

Para a indústria de couro e calçados, a queda no faturamento anual foi pressionada pela redução esperada na produção anual (-3,65%) e pelos preços 3,66%

menores na comparação entre janeiro a setembro de 2016 em relação a 2015. O atual cenário econômico brasileiro tem proporcionado reduções no faturamento desta indústria.

Segmento de serviços

O segmento de serviços do agronegócio, que compreende todos os serviços de comercialização e distribuição dos produtos agropecuários e agroindustriais, apresentou crescimento de 0,59% em setembro, acumulando alta de 3,90% de janeiro a

setembro de 2016. No mês, o impulso veio do crescimento dos ramos agrícola e pecuário, sendo que, no acumulado, o ramo agrícola foi fundamental para a sustentação do resultado final. Em setembro, para os serviços referentes à agricultura,

a alta registrada foi de 0,73% e, no acumulado, de 5,18%. No ramo pecuário, a elevação foi de 0,28% no mês e de 1,13% no acumulado de janeiro a setembro de 2016 em comparação com mesmo período de 2015.

Conclusões

De janeiro a setembro de 2016, o PIB do agronegócio brasileiro acumulou crescimento de 4%. Tanto para o ramo agrícola quanto para o pecuário, a valorização real dos preços tem contribuído para o desempenho positivo dos segmentos, uma vez que, em volume, o cenário para importantes atividades tem sido de baixa. Especificamente em setembro, as elevações foram de 0,62% para o ramo agrícola e de 0,44% para o pecuário, resultando em crescimento de 0,56% para o agronegócio no mês.

No segmento de insumos, o destaque positivo tem sido a indústria de rações, impulsionada por maiores preços e produção. Em contrapartida, verifica-se queda em fertilizantes e combustíveis e lubrificantes, este último importante termômetro no desempenho da economia, refletindo o atual contexto de recessão.

No primário agrícola, impulsionaram o segmento os aumentos para cana, mandioca, milho, café e soja. Para as duas primeiras, as altas de preço e de produção no ano levaram ao resultado positivo. Já para o milho, café e soja, mesmo diante de redução na produção, a expressiva

valorização real das cotações elevou o faturamento. No segmento primário da pecuária, enquanto o frango destacou-se como impacto positivo, a bovinocultura de corte pressionou o desempenho do segmento. Tal fato reflete, em certa medida, a substituição do consumo de proteínas mais caras pelas de menor valor.

Na indústria da base agrícola, o cenário segue positivo, com destaque para a atividade sucroenergética. Porém, verifica-se que o segmento segue influenciado pelo mercado interno enfraquecido. No caso do processamento de produtos de origem animal, a indústria de laticínios foi destaque em crescimento no período, impulsionada pela forte elevação de preços.

Com relação ao ambiente macroeconômico brasileiro, a perspectiva segue desfavorável. O PIB brasileiro apresentou queda de 0,8% no terceiro trimestre de 2016 com relação ao segundo e 2,9% frente ao mesmo trimestre de 2015. Na taxa acumulada ao longo do ano (variação em volume em relação ao mesmo período do ano anterior), a queda apresentada foi de 4%. O PIB da agropecuária (IBGE) apresentou queda de 6,9%, na

mesma avaliação.

Ressalte-se que os dados relativos ao PIB do IBGE referem-se especificamente à agropecuária (dentro da porteira), já os dados de PIB do CEPEA referem ao agronegócio (agropecuária, mais insumos, agroindústrias e serviços voltados ao agronegócio). Tratando-se especificamente dos dados relativos à agropecuária, o IBGE não considera variações de preço e, dessa forma, expressa as variações em volume produzido a preços constantes. Os dados do CEPEA consideram, além do volume, variações reais de preço.


O CEPEA opta, portanto, em lançar foco sobre a renda real da agropecuária, e o IBGE sobre a produção. Observa-se, conforme dados avaliados até setembro/16, que no ano vem ocorrendo significativa queda no volume produzido na agropecuária brasileira. Exceções importantes vêm sendo observadas com relação ao trigo, café e cana. No entanto, até o momento, os aumentos reais de preço vêm mais do que compensando as perdas de volume e sustentando resultados positivos ao agronegócio. 

Tabela 1 - Variação do PIB do agronegócio nacional (%)

2016/2015	AGROPECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Setembro	0,31	0,35	-0,38	-0,12	0,00
Outubro	0,08	0,17	0,29	0,03	0,15
Novembro	0,48	0,46	0,74	0,60	0,58
Dezembro	0,41	0,65	0,13	0,18	0,33
Janeiro	0,27	0,51	0,36	0,31	0,38
Fevereiro	0,42	0,64	0,89	0,80	0,73
Março	-0,05	0,10	0,50	0,21	0,23
Abril	0,16	0,29	0,28	0,32	0,28
Mai	0,22	0,36	0,17	0,24	0,25
Junho	0,84	1,20	0,19	0,53	0,67
Julho	0,49	0,76	-0,72	0,14	0,13
Agosto	0,57	0,95	0,47	0,70	0,70
Setembro	0,34	0,67	0,51	0,59	0,56
Acum. no Período (2016)	3,32	5,60	2,66	3,90	4,00

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

2016/2015	AGROPECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Setembro	0,60	0,80	-0,40	-0,11	0,07
Outubro	0,53	0,68	0,36	0,17	0,40
Novembro	0,88	1,00	0,84	0,89	0,90
Dezembro	0,69	1,12	0,15	0,22	0,46
Janeiro	0,61	1,20	0,44	0,57	0,68
Fevereiro	0,50	0,92	1,02	1,09	0,96
Março	-0,10	0,29	0,58	0,34	0,37
Abril	-0,01	0,39	0,35	0,48	0,37
Mai	0,27	0,71	0,18	0,37	0,37
Junho	1,05	1,90	0,21	0,70	0,85
Julho	0,28	0,95	-0,88	0,02	-0,04
Agosto	0,25	1,06	0,49	0,77	0,69
Setembro	0,02	0,80	0,55	0,73	0,62
Acum. no Período (2016)	2,91	8,52	2,97	5,18	4,97

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

2016/2015	PECUÁRIA				
	Insumos	Primário ^(A)	Indústria	Serviços	Agronegócio Global ^(B)
Setembro	-0,07	-0,16	-0,20	-0,13	-0,14
Outubro	-0,54	-0,42	-0,14	-0,28	-0,36
Novembro	-0,06	-0,17	0,06	-0,03	-0,09
Dezembro	0,03	0,09	-0,02	0,07	0,06
Janeiro	-0,20	-0,32	-0,19	-0,26	-0,27
Fevereiro	0,30	0,30	0,04	0,17	0,23
Março	0,03	-0,12	-0,01	-0,08	-0,07
Abril	0,40	0,17	-0,24	-0,05	0,09
Maiο	0,15	-0,07	0,08	-0,03	-0,01
Junho	0,54	0,33	0,04	0,15	0,28
Julho	0,80	0,51	0,38	0,41	0,51
Agosto	1,02	0,81	0,38	0,54	0,71
Setembro	0,78	0,50	0,20	0,28	0,44
Acum. no Período (2016)	3,88	2,11	0,67	1,13	1,92

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços.

Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela 2 - Variações Mensais e Acumulada no ano (%) da Agroindústria 2016

2016/2015	INDÚSTRIA					
	Madeira e Mobiliário	Celulose, Papel e Gráfica	Elementos Químicos	Têxtil	Vestuário	Café
Setembro	-1,48	0,78	-0,48	-2,62	-2,04	0,05
Outubro	-2,01	1,02	2,73	-2,53	-1,75	0,24
Novembro	-1,90	0,44	2,45	-2,47	-1,69	0,28
Dezembro	-2,20	0,73	2,03	-1,81	-2,70	0,31
Janeiro	-1,19	0,61	1,67	-1,37	-1,40	0,06
Fevereiro	-1,15	0,84	1,61	-1,44	-1,20	-0,11
Março	-1,49	0,65	2,46	-1,73	-1,29	0,13
Abril	-1,49	0,33	0,28	-1,59	-1,12	0,21
Mai	-1,74	0,43	0,23	-1,20	-1,28	0,27
Junho	-1,83	-0,10	0,77	-1,13	-1,77	0,36
Julho	-1,36	-0,43	-3,99	-0,47	-1,23	0,50
Agosto	-0,82	-0,51	0,68	0,32	-1,39	0,61
Setembro	-0,72	-0,33	0,74	1,00	-0,41	0,40
Acum. no Período (2016)	-11,18	1,49	4,41	-7,32	-10,56	2,45

2016/2015	INDÚSTRIA						
	Beneficiamento de Produtos Vegetais	Açúcar	Óleos Vegetais	Outros Alimentos	Calçados	Abate de Animais	Laticínios
Setembro	-1,69	1,08	1,93	-0,18	-1,65	0,18	-0,56
Outubro	-1,07	-5,66	2,25	0,07	-1,75	-0,13	0,29
Novembro	2,01	0,75	0,99	0,45	-1,31	0,27	0,02
Dezembro	-2,01	1,39	1,03	-0,19	-1,79	0,19	0,02
Janeiro	-0,71	3,12	1,66	-0,01	-0,89	-0,22	0,05
Fevereiro	3,64	2,88	1,49	0,22	-0,66	-0,02	0,36
Março	-1,19	2,00	0,51	0,23	-0,89	-0,14	0,49
Abril	1,67	2,35	0,75	0,38	-0,73	-0,52	0,47
Mai	-0,34	2,64	1,06	0,55	-0,82	-0,27	1,05
Junho	-1,03	3,46	0,98	0,63	-0,74	-0,37	1,10
Julho	-1,14	7,76	0,47	1,07	-1,12	-0,07	1,68
Agosto	0,56	4,29	-0,51	0,91	0,29	-0,21	1,56
Setembro	0,68	4,43	-0,13	0,71	-0,06	-0,61	1,84
Acum. no Período (2016)	2,02	38,03	6,44	4,78	-5,48	-2,41	8,92

Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela 3 – PIB do agronegócio brasileiro de 1994 a 2016 (R\$ bilhões de 2016*)

AGROPECUÁRIA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	80,19	215,32	302,02	301,81	899,34
1995	77,71	220,68	324,04	303,19	925,62
1996	78,55	212,27	309,81	309,97	910,60
1997	77,48	209,25	311,56	304,26	902,55
1998	82,09	222,30	295,15	308,25	907,78
1999	89,19	222,05	303,14	310,13	924,51
2000	91,89	220,14	306,24	307,14	925,42
2001	95,61	230,26	303,93	311,79	941,58
2002	109,61	257,66	321,61	335,63	1.024,52
2003	123,30	288,13	330,83	349,20	1.091,47
2004	125,01	285,64	347,54	361,15	1.119,35
2005	112,31	257,79	348,00	349,11	1.067,21
2006	109,30	252,30	357,79	352,65	1.072,04
2007	123,49	283,04	373,37	376,76	1.156,65
2008	145,48	324,56	383,22	396,59	1.249,85
2009	129,62	299,93	368,29	379,69	1.177,53
2010	135,83	332,68	392,74	405,05	1.266,30
2011	152,68	371,97	387,34	419,95	1.331,94
2012	152,19	361,41	372,30	407,58	1.293,49
2013	158,29	393,74	384,67	423,86	1.360,57
2014	162,13	410,51	382,66	427,95	1.383,26
2015	166,82	419,34	385,53	431,69	1.403,38
2016	172,35	442,82	395,80	448,53	1.459,50

AGRICULTURA

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	51,36	125,87	255,40	216,13	648,75
1995	48,93	125,91	272,36	213,20	660,40
1996	50,73	125,21	257,71	220,90	654,55
1997	50,58	124,96	262,04	218,20	655,78
1998	53,16	131,51	247,69	217,68	650,04
1999	55,91	124,71	254,94	215,27	650,83
2000	55,33	115,81	257,48	208,97	637,59
2001	58,52	125,69	253,99	211,54	649,74
2002	68,15	148,23	270,84	231,72	718,94
2003	78,49	171,88	280,57	242,99	773,93
2004	79,27	168,90	295,72	252,46	796,35
2005	67,33	142,79	297,25	242,97	750,34
2006	66,49	142,41	309,46	251,72	770,08
2007	75,72	159,87	321,27	265,46	822,31
2008	92,20	186,90	328,61	275,84	883,56
2009	79,40	169,68	319,42	268,38	836,88
2010	83,01	190,39	342,03	287,51	902,94
2011	92,87	216,18	336,02	296,55	941,62
2012	93,60	215,78	324,83	292,80	927,00
2013	94,08	221,44	334,03	295,97	945,53
2014	93,49	222,15	330,83	292,20	938,67
2015	97,04	228,22	334,58	295,36	955,20
2016	99,87	247,66	344,51	310,66	1.002,70

PECUÁRIA

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
1994	28,83	89,45	46,63	85,68	250,59
1995	28,78	94,77	51,68	89,99	265,22
1996	27,82	87,06	52,09	89,07	256,05
1997	26,90	84,29	49,52	86,07	246,78
1998	28,93	90,79	47,46	90,57	257,75
1999	33,28	97,33	48,20	94,86	273,68
2000	36,56	104,33	48,77	98,18	287,83
2001	37,09	104,57	49,94	100,25	291,84
2002	41,45	109,43	50,78	103,91	305,57
2003	44,81	116,25	50,26	106,21	317,53
2004	45,74	116,74	51,82	108,69	323,00
2005	44,98	115,01	50,74	106,15	316,88
2006	42,80	109,89	48,33	100,93	301,96
2007	47,77	123,17	52,10	111,29	334,34
2008	53,28	137,66	54,61	120,75	366,29
2009	50,22	130,25	48,87	111,31	340,65
2010	52,82	142,29	50,71	117,54	363,36
2011	59,81	155,79	51,32	123,40	390,33
2012	58,60	145,63	47,47	114,78	366,49
2013	64,21	172,30	50,63	127,89	415,04
2014	68,64	188,37	51,83	135,75	444,59
2015	69,78	191,11	50,95	136,33	448,18
2016	72,49	195,15	51,29	137,87	456,80

Fonte: CEPEA-USP e CN

* tomando-se como base a taxa de crescimento acumulada em 2016